

HIPÁTIA: TECIDO DRAMATÚRGICO ENTRE FÉ, CIÊNCIA E FEMINISMOS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Luciana de F. R. P. de Lyra¹

RESUMO

Urdida em primeira pessoa, esta comunicação visa partilhar a construção dramaturgica da peça *Hipátia*, de autoria de Luciana Lyra, realizada entre os anos de 2020 e 2021. Tecida durante o período pandêmico, a peça tem por ensejo descortinar a jornada da cientista Hipátia de Alexandria, a primeira mulher matemática de que se tem conhecimento seguro e que despertou a fúria de fundamentalistas cristãos entre os séculos IV e V d. C., quando ocorreu uma importante transição no Império Romano: de um Estado totalmente pagão a um Estado em adesão contínua ao cristianismo. A dramaturgia confiada à Lyra pelo *Instituto Martim Gonçalves* (RJ), põe em trama questões latentes entre fé, ciência e feminismos, no intento de recobrar a estória desta importante figura histórica em termos contemporâneos de embates férreos balizados em conservadorismo, anticientificismo e patriarcalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Hipátia, Dramaturgia, fé, ciência, feminismos.

¹ Luciana Lyra é coordenadora e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ), docente efetiva do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular na mesma universidade. É professora colaboradora e Pós-doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGARC/UFRN). Também é docente colaboradora do Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UDESC). Pós-doutora em Antropologia, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), doutora e mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes (IA/UNICAMP), coordena como pesquisadora-líder o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes (CNPq) e seu estúdio de investigação, UNALUNA – PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Luciana Lyra ainda é atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Sites: www.unaluna.art.br <https://amotinadas.wixsite.com/motim> e www.lucianalyra.com.br.

ABSTRACT

First person plotted, this communication aims to share the dramaturgical construction of the play *Hipátia (Hypathy)*, authored by Luciana Lyra, written between 2020 and 2021. Woven during the pandemic period, the play has the opportunity to unveil the journey of scientist Hipatia de Alexandria, the first woman mathematician that it is well known and that it aroused the fury of Christian fundamentalists in the fourth and fifth century A. D., when an important transition occurred in the Roman Empire: from a totally pagan State to a State in continuous adhesion to Christianity. The dramaturgy entrusted to Lyra by the Instituto Martim Gonçalves (RJ), puts latent issues between faith, science and feminisms into a plot, in an attempt to take the story of this important historical figure in contemporary terms of iron clashes based on conservatism, anti-scientism and patriarchy.

KEYWORDS

Hypathy, Dramaturgy, faith, science, feminisms.

PRÓLOGO

O Subterrâneo

Madrugada ressequida. Ouve-se longe um coro fúnebre de aleluias. Um coro de cristãos. Num repente, avistam-se réstias de luz que adentram um hermético espaço subterrâneo, uma espécie de minúsculo depósito tatuado de silhuetas de livros, rolos de pergaminhos vários, sombras, estantes repletas de antigos tomos. Uma poeira espessa adensa o ar. Ao fundo vê-se penetrar lenta e sorrateira uma mulher de aparência espectral. Cabelos que se trançam e se desamarram, a um só tempo, em desalinho. Sobre ombros, como Atlas, ela carrega um outro mundo de mais e mais livros em

grande embornal. Ela pára, como quem se certifica estar sozinha. Longo respiro e um chamamento. Quase um sopro.

Hipátia

... Sinésio?

(Silêncio apenas)

Hipátia

... Sinésio?

(Silêncio ainda)

Hipátia

Sinésio, está aqui? Não te vejo.

Um pedaço a mais de vazio. Hipátia avança no espaço em fadiga extrema, desmancha a saca de livros, pergaminhos ao chão. Sobre alguns tomos assenta-se. Alcança uma moringa d'água antes posta, bebe sequiosa no gargalo. Murmura a si mesma.

Hipátia

Subterrâneos foram matematicamente arquitetados para que ratos trafeguem incólumes do mundo, tramando pestes para o assolar de súbito. Impressiona-me eu mesma precisar estar aqui confinada a escutá-los margeando rodapés das cidades, rodando pelos esgotos da biblioteca, em plano fúnebre de emboscadas. (Aos livros) Os que pude salvar trouxe comigo e como ato de guerrilha descí rio abaixo. Dos púlpitos, onde intensa tantas vezes palestrei, para atravessar o denso Estige e seus mortos. (outro respiro) Por mais que tenha avançado em meus feitos em vida pública, continua a existir um vazio de tempos que não me cabe ainda, vivo na encruzilhada. Habito agora o submundo, mulher sob domínios de Pan e suas estripulias.

I MOVIMENTO

A terra

Ouve-se ruídos de ratos em movimento. A roedora algazarra confunde-se com vozes de homens em intensa assembleia.

Hipátia

...Sinésio???

(Os ratos continuam a sinfonia de tramas)

Hipátia

(Toma mais um gole de água, falando em seguida como se lembrasse) Ainda bem que deixou para mim o que beber. De palavras, de pensamentos me alimento. Não se preocupe, Sinésio! (Retira do bolso um astrolábio. Observa-o). Daqui também posso, sem medo, ler os nossos astros e suas constelações. Continuo a tentar prever nosso universo pelas estrelas. Possível isso, meu amigo e discípulo? Possível isso nesse tempo que nos engana? Nesse mundo destituído de empatia? Como prever os caminhos pelas estrelas? Como saber quanto tempo ficarei aqui isolada para que não seja apedrejada ou esquarterada ou queimada pelos que dizem reinar democraticamente? (Manuseia o astrolábio em íntimo malabarismo) Resta-me, por enquanto, brincar. Esconder-me debaixo de todo conhecimento que ergui em livros e bancadas. O que me acalenta é saber-me no mais dentro de meu templo. O coração, as entranhas da biblioteca. Resta-me cultivar a castidade que me purifica a alma, e por extensão, tudo que ensino.

(Continua a brincar com o astrolábio)

PAUSA

Este é apenas o prólogo e início do primeiro movimento de um texto dramaturgico por mim principiado e finalizado nestes tempos pandêmicos. Em minha trajetória como dramaturga venho privilegiando os processos colaborativos de criação da escrita, mas este texto, em específico, foi encomendado pela atriz Jussilene Santana²

² A atriz e historiadora Jussilene Santana é professora-visitante do PPGAC/UNIRIO, possui pós-doutorado pela Queen Mary University of London (2016), é doutora e mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA, graduada em Comunicação Social pela FACOM/UFBA. Em 2013 ganhou o Prêmio Capes de Tese com 'Martim Gonçalves Uma Escola de Teatro contra a Província', trabalho construído na interseção da História, do Ensino do Teatro, da Sociologia e do Jornalismo. A partir das suas viagens por

através do *Instituto Martim Gonçalves*³, por ela fundado e atuante nos estados do Rio de Janeiro e Salvador. A ideia é que esta peça destampe o processo de montagem, em 2022, com direção da Profa. Elisa Mendes⁴, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Recebi o convite de Santana tem ao menos três anos a partir de uma conversa em meio ao caos administrativo que estava ocorrendo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro⁵, onde atuo como docente. Entre o caos da UERJ, findo em 2018, e caos sanitário instalado em 2020, é curioso que possamos tocar a alma desta antepassada cientista, Hipátia, que tanto nos ensina sobre o ato de investigar e descobrir o mundo, suas matérias, seus números, suas equações, suas constelações. Em tempos das *fakenews* que elegem presidentes fascistas no Brasil, ouço-a ecoar a seguinte frase: *Ensinar superstições como verdades é uma das coisas mais terríveis.*

Abordar Hipátia de Alexandria em dias atuais, a meu ver, é olhar para nosso tempo, é voltar também no tempo, é buscar no passado vestígios das mesmas ignorâncias que continuam a nos fustigar, a nos apavorar, opondo fé à ciência, desacreditando na capacidade de uma mulher frente a um mundo de homens. Em consonância com Walter Benjamin (2012), penso que articular tempos é necessário para sentir o espiralar vivo de uma história que se pode ser tecida a contrapelo.

Ao fazermos um retorno temporal, que nos aproxima da jornada de Hipátia, fomentamos a construção de uma *herstory*. Criado pela ativista pela poeta, jornalista e ativista estadunidense *Robin Morgan*, o neologismo *herstory*, foi lançado na publicação de seu artigo *Goodbye to All That*, no início de 1970. Ela escreve que se identificou como membro da W.I.T.C.H., decodificando a sigla como “Mulheres inspiradas a

oito países (Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha, Holanda, Bélgica e Dinamarca) vem coletando documentos sobre a vida e a obra do diretor Martim Gonçalves, criador da 1ª. escola de teatro no Brasil ligada a uma instituição de nível superior, a Escola da Teatro da UFBA.

³ <https://institutomartimgoncalves.com.br/>

⁴ Professora doutora em Artes Cênicas e diretora teatral (UFBA). Experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: direção e interpretação teatral, ensino de teatro, coordenação de encontros culturais, curadoria e produção executiva.

⁵ Entre 2016 e 2018, o Estado do Rio de Janeiro viu se agravar uma crise político-econômica que o levou à falência. Em um estado de calamidade pública, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, consequentemente, sofreu os com os efeitos da crise chegando a ponta do iceberg. A entidade que se mantém a partir da verba fornecida pelo Estado quase foi obrigada a fechar suas portas. Dessa maneira, a UERJ passou a atrasar os salários de docentes e empresas terceirizadas que prestam serviços a instituição, como setor de alimentação, segurança e manutenção. Segundo a revista VEJA RIO, dos 90 milhões de reais anuais necessários para o suporte da universidade, a entidade teve quitados somente 15 milhões pelo então governo. O não pagamento das bolsas dos estudantes também foi um fator agravante para que eclodissem as greves. <https://falauniversidades.com.br/uerj-universidade-estadual-crise/>

contar Herstory”⁶. Sobre o termo, a pesquisadora e professora Maria Brígida de Miranda aponta que:

(...) com o objetivo de provocar a aparente neutralidade da língua. Morgan brinca com o termo history ao colocar entre parênteses (his)story – traduzindo literalmente -- [a história deles] ela separa o pronome masculino (his – dele) do substantivo story (história) para propor uma outra possibilidade, uma perspectiva feminista na narrativa de fatos, ou seja uma (her)story, uma [história dela]. (2017, p. 4)

Utilizando esta palavra, de forma inaugural, no campo das pesquisas teatrais em contexto nacional, Miranda costura, em seus estudos, relatos que envolvem não apenas sua pesquisa acadêmica e artística mas também as ações de outras mulheres que trabalham no teatro e na universidade tanto em Florianópolis, onde ela atua fundamentalmente, como em outras cidades brasileiras, urdindo um fio *(her)storiográfico* do teatro, ou seja, uma trama de ações no campo das artes da cena guiada por uma ótica das mulheres. Fazendo parte desta teia principiada por Brígida no Brasil, dialogo com o termo *herstory*, situando a personagem Hipátia e minha construção dramaturgica sobre esta mulher como pontos desta grande teia.

A saber, Hipátia nasceu em Alexandria, Egito, por volta do ano de 370 d. C, era filha de Teón, um matemático, filósofo e astrônomo conhecido no seu tempo. Muito influenciada intelectualmente por seu pai, que foi o último diretor do Museu de Alexandria, Hipátia teve formação na escola neoplatônica. A saber, neoplatonismo é direcionado para os aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento de Platão, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica.

Hipátia abdicou do casamento, dedicando sua vida ao trabalho científico, e se declarando "casada com a verdade", segundo a filóloga clássica e historiadora polonesa, Maria Dzielska, importante biógrafa de Hipátia. Ativista política e professora de História Romana Antiga na Universidade Jagiellonian, Dzielska indica que os estudos em Atenas, Grécia, Hipátia regressou à sua cidade natal tornando-se professora de Matemática e de Filosofia, tornando-se a primeira mulher a ter trabalhos importantes na área das Ciências Exatas e, paralelamente, ter conhecimento em Filosofia e Medicina. Em Matemática, sua pesquisa foi apresentada em numerosos manuscritos.

⁶ Vide <https://en.wikipedia.org/wiki/Herstory>.

Infelizmente, muitas das contribuições de Hipátia foram perdidas, mas graças a sua correspondência com seu aluno Sinésio de Cirene, conhecemos algumas de suas obras⁷. Sinésio de Cirene compartilhou um gosto pela Matemática e Astronomia com sua tutora, mas tomou outra direção, tornando-se filósofo e bispo. Sinésio registrou a singularidade de Hipátia como intelectual, afirmando sua autoria na construção de um astrolábio, um hidrômetro e um higroscópico. Hipátia também se destacou por suas habilidades como palestrante e eminente professora, dando aulas em sua casa a um grupo de aristocratas pagãos e cristãos.

Sua inteligência a levou ao cargo de conselheira de Orestes, prefeito do Império Romano do Oriente, e também seu ex-aluno. Como pagã, defensora do racionalismo científico grego e de uma figura política influente, Hipátia sofreu uma intensa hostilidade. As acusações contra ela de blasfêmia e sentimentos anticristãos, simplesmente porque ela se recusou a trair seus ideais e abandonar o paganismo, levou à uma emboscada, onde foi brutalmente assassinada.

Existem diversas versões do seu fim, sendo a mais difundida a de Edward Gibbon na obra *O Declínio e a Queda do Império Romano* (2018), publicada em seis volumes. Segundo Gibbon, numa manhã da Quaresma de 415, Hipátia foi atacada na rua quando regressava a casa na sua carruagem. A multidão arrancou-lhe os cabelos e a roupa, depois os braços e as pernas e queimou o que restava do seu corpo. No entanto, é fato, Hipátia nunca proclamou sua aversão ao cristianismo. Simplesmente, com sua natureza liberal, ela aceitou todos os alunos, independentemente de suas crenças religiosas.

Hipátia é, sem dúvida, um caso icônico de alijamento da mulher no campo científico, que persiste por séculos recentes. Mesmo no século XXI com um número crescente de mulheres estudantes nas universidades em áreas tão díspares como as humanidades, a medicina ou até mesmo as engenharias, a sub-representação permanece, exato porque a mulher continua a ter a seu cargo a gestão das tarefas familiares,

⁷ Dentre as obras remanescentes de Sinésio de Cirene, podemos destacar: *Um discurso perante o imperador Arcádio; De regno; Dio, sive de suo ipsius instituto, em que ele significa o seu propósito de dedicar-se à verdadeira filosofia; Elogio à Calvície (Encomium calvitii), uma literatura jeu d'esprit, em resposta a uma obra de Dião Crisóstomo, o Elogio à Cabeleira Aegyptus sive de providentia, em duas partes, sobre a guerra contra o godo Gainas e o conflito entre os dois irmãos Aureliano e Cesário; De insomniis, um tratado sobre os sonhos; Constitutio; Catastasis, uma descrição do fim da Cirenaica romana; Epistolae (cartas, incluindo um texto – Carta 57 – que é na verdade um discurso); Hymni, de caráter contemplativo, característica neoplatônica; homilies; Um ensaio sobre como fazer um astrolábio. Vide estudo de José Petrucio de Farias Júnior (2012). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103104>>.*

dificultando a conciliação entre a atividade profissional numa área tão absorvente como a ciência, com a vida familiar e social dinâmica contemporânea. À jornada do trabalho doméstico, podemos somar outros obstáculos para a presença mais marcante das mulheres no mundo da ciência como o preconceito vigente em algumas áreas do conhecimento, de que as mulheres, por suas características de fragilidade, sensibilidade e mesmo falta de força física, estariam impedidas de atuar.

A meu ver, empreender a criação de um texto teatral a partir da saga de Hipátia de Alexandria em ruptura com um sistema autoritário regido por homens é enfrentar esta realidade que também me assola como mulher, e mais, é engendrar modos feministas de escritura, na busca, dentro dos modos de fazer feministas, de uma escrita que abrace instâncias da experiência, capaz de apreender a multivocalidade, de contemplar o futuro, urdir o presente, rememorando o passado, na articulação de tempos. Mas como cultivar estes modos horizontais de fazer dramaturgia em situação de isolamento pandêmico? Sem a colaboração direta das outras artistas mulheres que compõem o projeto *Hipátia*? Numa maneira mais tradicional de escrita, que poderia denotar uma certa verticalidade da proposição?

Em princípio, foi preciso uma pesquisa autoral sobre a jornada de Hipátia, mas também foi essencial acionar minha memória enquanto dramaturga, reativando outras escrituras autorais feministas e processos criativos outros que puderam instigar o desejo de urdir esta nova dramaturgia na criação de linhas de sentido e na formulação de imagens que, numa dupla via, pudessem conectar e invadir as memórias individuais das mulheres contemporâneas, por mim representadas, e ao mesmo tempo desconstruir a estabilidade de tais experiências, numa crítica política coletiva, a partir da experiência na sociedade brasileira atual mergulhada em processos de fascismo e anticientificismo.

Entendo que mesmo num processo mais tradicional de escritura, a dramaturgia de *Hipátia* foi concebida num *entrelugar* da vida real e ficcional, o que chamo de *f(r)iccional*. Em aventura *autoexploratória*, atritando a estória desta icônica mulher de Alexandria, a instâncias de uma individualidade minha e ao mundo social que hoje vivo junto com outras mulheres no Brasil, trafeguei do pessoal ao político, tão fundante às estratégias feministas de criação. Sobre esse caminho dramaturgico defendo:

Na artesanaria destas dramaturgias acredita-se que existe um dado *f(r)iccional* que propõe o trânsito da/o atuante na vida

social/existencial, em contextos de outridade, instaurando um estado liminar. (LYRA, 2019, p. 83)

Entendo que esse caminho de criação *f(r)iccional* legitima um espaço de atuação de mulheres sobre seus próprios temas, legitimando a reinvenção da História dita oficial na defesa da citada *Herstory*⁸, relativizando as nossas posições de subalternidade e silenciamento. A experiência de *f(r)icção* na escrita de *Hipátia* descola-me da necessidade de recobrar o passado como foi ensinado em história única para expor as camadas de subjetividades das múltiplas estórias que retomam o passado em variadas texturas devoradas, transvaloradas e com limites transitórios do que vivemos agora.

Tentando associar a cientista Hipátia da Roma antiga em declínio civilizatório e a pandemia de coronavírus em 2020/2021, particularmente devastadora para meninas e mulheres, no Brasil, vemos que todas nós estamos sujeitas a séculos de esquarteramento físico e simbólico. A crise social, econômica e sanitária está tirando meninas pobres da escola que agora cuidam dos afazeres domésticos; as mulheres mais velhas foram expulsas do mercado de trabalho e se arriscam em atividades informais, sem segurança, sem direitos. Os homens negros e pobres são os que mais morrem, deixando um rastro de viúvas e mães sem filhos. Segundo a Internacional monetary fund⁹, a ONU estima que os atrasos no avanço da igualdade de gênero pós-pandemia podem estagnar, ou até mesmo retroceder trinta anos.

Restaurar a história de Hipátia pelo teatro é novamente recobrar os confrontos entre fé e ciência, é lembrar a todes que o negacionismo atravessa séculos alimentando o fanatismo, a intolerância e as perseguições, em especial de mulheres. No Brasil, de nosso século, gerido pelo atual presidente Jair Bolsonaro, o negacionismo transmuta-se em política de Estado. Ele não apenas nega que já existia uma crise econômica antes da pandemia, como recusa-se a aceitar evidências científicas, estatísticas e do senso comum, indicativas de que a covid-19 não é uma simples “gripezinha”¹⁰

⁸ Em tempo, a construção de uma *Herstory* vem sendo amplamente discutida, desde 2017, no campo das pesquisas em artes da cena no Brasil, com destaque aos debates inaugurais da linha *Imagens Políticas*, do Programa de pós-graduação em teatro (UDESC), e os ecos de estudos do grupo MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes (CNPq/UERJ) e do GT Mulheres da cena, da ABRACE.

⁹ Vide <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2020/07/20/blog-the-covid-19-gender-gap>

¹⁰ Segundo a BBC Portuguesa, em março de 2020, o atual presidente do Brasil, minimizando os dados causados pela COVID 19, usou a expressão “gripezinha” ao menos duas vezes publicamente. A primeira vez, em uma coletiva de imprensa, no dia 20 de março: "Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?". Quatro dias depois, voltou a usar o termo em pronunciamento nacional em rádio e TV: "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não

Trazer *Hipátia* em tempos pandêmicos como guia para criação da dramaturgia encomendada pelo *Instituto Martim Gonçalves* é evidenciar que a luta pelas beneficências científicas é secular e muitas vezes parida por mulheres que no *front* se utilizam de conhecimentos de larga escala para criar redes de pesquisa multidisciplinares produzindo diagnósticos, prognósticos e propostas de medidas preventivas e mitigadoras. Ouvir Hipátia no teatro de nossos tempos é recordar e se opor a um punhado de cétricos.

O que nos vale, é que a estória dela, de Hipátia e de muitas mulheres na ciência nos mostra que a longo prazo existe uma razão sensível que prevalece e os episódios de negacionismo são reduzidos a trágicas manifestações de estupidez. Que prevaleça a lucidez, a *Herstory* e o teatro com suas dramaturgias, seja sempre plataforma ritual de rememoração.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas vol 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 241-252.

DZIESLKA, Maria. **Hipátia de Alexandria**. Editora Relógio D'água, Lisboa, 2009.

FARIAS JÚNIOR, José Petrucio de. **Discurso, retórica e poder na Antiguidade tardia: a construção do ethos político em Sinésio de Cirene**. 2012. 361 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103104>>.

GIBBON, Edward. Declínio e queda do Império Romano. Edição Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

LYRA, Luciana. Por uma dramaturgia feminista: jornadas de f(r)icção In MONTEIRO, Aparecida de Souza. **Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2**. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2019 (pp. 80-89).

MIRANDA, Maria Brígida de. **Teatros feministas na ilha das bruxas: memórias e “herstory” de práticas teatrais feministas em Florianópolis**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.